

JOVENS RURAIS: EXPERIÊNCIAS A PARTIR DO LAZER EM UM PEQUENO DISTRITO DA ZONA DA MATA MINEIRA

Juliana Aparecida Cantarino Toledo¹ 

Destaques:

- As especificidades evidenciadas nas experiências de lazer de um grupo de jovens rurais.
- A identificação das condições dos equipamentos de lazer ofertados pelo poder público municipal.

Resumo: O interesse pelos jovens rurais não é um tema recorrente na Geografia. No entanto, a atenção para esse segmento tem crescido, possibilitando, dessa forma, o entendimento e uma maior visibilidade acerca desse modo de ser jovem. O objetivo desse texto é entender como os jovens residentes em uma comunidade rural, localizada na Zona da Mata Mineira, vivem a juventude a partir da experiência do lazer. O presente trabalho é fruto de uma investigação realizada como requisito para a conclusão do Bacharelado em Geografia no ano de 2021. Como metodologia, além de revisões bibliográficas sobre o tema e conceitos abordados, foram feitas entrevistas de modo remoto, dado o contexto de Pandemia vivido no momento da pesquisa. Foi possível identificar, entre outros aspectos, as múltiplas formas de experienciar os espaços e o lazer na localidade e fora dela. Além disso, evidenciou-se a fragilidade das políticas públicas destinadas ao lazer, cultura, mobilidade e, mesmo, educação para esses jovens.

Palavras-chave: Jovens; Lazer; Espaço; Experiência; Rural.

YOUNG RURAL PEOPLE: EXPERIENCES FROM LEISURE IN A SMALL DISTRICT OF THE ZONA DA MATA MINEIRA REGION

Abstract: Interest in the rural youth is not a recurring theme in geography. However, attention to this segment has grown, thus enabling understanding and greater visibility about this way of being young. The purpose of this text is to understand how young people living in a rural community, located in the Zona da Mata Mineira, live youth from the experience of leisure. This work is the result of an investigation carried out as a requirement for the completion of the Bachelor of Geography in the year 2021. In addition to bibliographic reviews on the topic and concepts covered, the methodology used interviews, carried out remotely, given the context of the lived Pandemic at the time of research. It was possible to identify, among other aspects, the multiple ways of experiencing spaces and leisure in and around the locality. Moreover, was evidenced the fragility of public policies aimed at leisure, culture, mobility, and even education for these young people.

Keywords: Youth; Leisure; Space; Experience; Rural.

¹ Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: juliana_cantarino@yahoo.com.br

JUVENTUD RURAL: EXPERIENCIAS RECREATIVAS EN UN PEQUEÑO DISTRITO DE LA ZONA DA MATA MINEIRA

Resumen: El interés por la juventud rural no es un tema muy común en Geografía. Sin embargo, la atención a este segmento ha crecido, permitiendo así la comprensión y mayor visibilidad sobre esta forma de ser joven. El objetivo de este texto es comprender cómo los jóvenes residentes de una comunidad rural, ubicada en la región de la Zona da Mata Mineira, viven su juventud a partir de una experiencia recreativa. El presente trabajo es el resultado de una investigación realizada como requisito para la conclusión del Bachillerato en Geografía en el año 2021. Como metodología, además de las revisiones bibliográficas sobre el tema y los conceptos abordados, fueron realizadas entrevistas de manera remota, debido al contexto de la pandemia vivida en el momento de la investigación. Fue posible identificar, entre otros aspectos, las múltiples experiencias de vida en dichos espacios y la actividad recreativa en la localidad y fuera de ella. Además, se evidenció la fragilidad de las políticas públicas destinadas a la recreación, cultura, transporte e incluso la educación de dichos jóvenes.

Palabras clave: Joven; Ocio; Espacio; Experiencia; Rural.

INTRODUÇÃO

De acordo com Souza, Doula e Carmo (2016), houve nas últimas décadas do século XX no Brasil, uma intensificação de pesquisas acadêmicas voltadas para o tema juventude, especialmente no que se refere aos jovens pobres e urbanos.

Tal visão é corroborada por Castro (2009), ao afirmar que apesar de no Brasil o debate sobre juventude ter ganhado centralidade, o foco está na juventude que habita o espaço urbano, especialmente nas grandes metrópoles. Para Souza, Doula e Carmo (2016), a numerosidade de trabalhos voltados para tais conteúdos levou ao alerta levantado por Sposito (2009) sobre a possibilidade de generalizações em relação à juventude brasileira, caso não fossem consideradas as realidades das condições de vida dos jovens residentes em pequenas cidades e áreas rurais. A partir de então, emergem trabalhos envolvendo os jovens rurais, como os de Castro (2009; 2013); Abramo e Branco (2005); Kuhn (2014), entre outros.

No entanto, grande parte das pesquisas sobre essa juventude tem promovido um debate que a associa ao fenômeno migração do campo para a cidade (CASTRO, 2009). Para a autora, a imagem do jovem desinteressado pelo meio no qual vive contribui para a sua invisibilidade e para a ausência de um olhar para esses sujeitos como formadores de identidades e demandas sociais.

Para ela, “ficar ou sair do meio rural envolve múltiplas questões, onde a categoria jovem é construída, e seus significados, disputados” (CASTRO, 2009, p. 182).

Compreendendo a necessidade de entender esse modo de ser jovem na correlação com o espaço rural, o presente trabalho teve, como objetivo, entender como se dão as relações cotidianas dos jovens rurais na busca pelo lazer e como forjam suas experiências juvenis a partir da apropriação do espaço nas áreas rurais, locais com pouca oferta de lugares destinados ao lazer dos jovens residentes.

Assim, pela experiência do lazer busca-se refletir sobre as relações socioespaciais dos jovens residentes no distrito de Conceição do Formoso, pacata comunidade rural da Zona da Mata Mineira que economicamente se sustenta da produção de alguns gêneros alimentícios em pequenas propriedades.

Metodologicamente, o estudo contou, num primeiro momento, com revisão teórica no intuito de compreender os conceitos que deram suporte à investigação e à técnica utilizada na coleta dos dados. Foram então esmiuçadas leituras acerca dos conceitos de espaço, juventude e lazer, referenciadas ao longo do texto. Além dessas, para a escolha e construção dos procedimentos que nortearam as pesquisas de campo foram consideradas as contribuições de Silva e Mendes (2013).

A vista disso, para a produção dos dados relacionados aos sujeitos da pesquisa, optou-se pela realização de entrevistas, com base num roteiro semiestruturado. A opção pelas entrevistas se deu em razão do contexto de Pandemia² vivenciado no momento da pesquisa. Assim sendo, as conversas com os jovens foram realizadas de maneira remota, de modo a manter a segurança dos envolvidos. Foram entrevistados 23 jovens, escolhidos aleatoriamente de acordo com disponibilidade em contribuir com pesquisa. Os conteúdos dos diálogos foram gravados e, posteriormente, feitas as transcrições para dar sequência a interpretação das respostas. É importante destacar que não foi possível contactar todos os jovens residentes no distrito pela indisponibilidade

² COVID-19 – Pandemia vivenciada mundialmente a partir de 2020; como forma de conter a expansão do vírus, foi adotado medidas de distanciamento social.

de meios digitais, relatada por alguns ou mesmo indisponibilidade em contribuir com o estudo. Ainda sobre as transcrições, para seguir minuciosamente o que foi dito em áudio, ela se encontra na íntegra e, por questões éticas, os nomes dos jovens entrevistados foram substituídos por letras.

Finalmente, compreende-se a importância de indicar brevemente, nesta introdução, o que cada seção desse trabalho traz em termos de discussão, bem como seus objetivos. Assim, na primeira, esforçou-se em realizar uma argumentação sobre a relação entre juventude e espaço, elucidando a não unicidade da juventude, entendida como múltipla, configurada com base nos contextos sociais e modos de vida experienciados pelos sujeitos jovens: no caso em questão, o espaço rural.

Na sequência, o texto conta com uma caracterização do local da pesquisa, acompanhado da seção seguinte que traz uma discussão geral sobre a centralidade do lazer na vida do jovem, buscando evidenciar como esse é fundamental na constituição da juventude e do ser jovem, por promover momentos de encontro e convívio entre os sujeitos, relações que se manifestam espacialmente no contexto local.

Por fim, reflete-se, nas últimas, sobre as experiências externalizadas pelos jovens e seu perfil, adicionadas às interpretações realizadas a partir dos dados e contribuições teóricas sobre o tema.

PARA PENSAR O LAZER COMO CENTRALIDADE NA RELAÇÃO ESPAÇO-JUVENTUDES

Para alcançar o entendimento sobre a relação entre espaço e juventude, é essencial partir da compreensão de que o indivíduo e a sociedade são constituídos por relações produzidas pelos sujeitos nos planos individual e coletivo. Tal afirmativa corrobora com o que diz Elias (1994, p. 8), ao escrever que “para o bem ou para o mal, os seres humanos individuais ligam-se aos outros numa pluralidade, isto é, numa sociedade”.

Desse modo, é impossível compreender o indivíduo de forma desassociada da sociedade, pois esse é, por essência, um sujeito social que

constrói sua vida de forma coletiva. Nesse universo, eles se completam por meio das relações realizadas no plano do cotidiano. Para exemplificar as interrelações entre os indivíduos, Elias (1994) faz uso do movimento contínuo das ruas das cidades, em que por mais desconexas que pareçam as ações dos múltiplos sujeitos que as circulam, fazem parte de um nexos, pois se inserem numa ordem social, na qual

Cada pessoa nesse turbilhão faz parte de determinado lugar. Tem uma mesa à qual come, uma cama em que dorme; até os famintos e sem teto são produtos e componentes da ordem oculta que subjaz à confusão. Cada um dos passantes, em algum lugar, em algum momento, tem uma função, uma propriedade ou trabalho específico, algum tipo de tarefa para os outros (ELIAS, 1994, p. 18).

A passagem acima permite entender a teia indivíduo/sociedade e, também, determinar que as relações sociais não se realizam de forma meramente subjetiva, ou seja, elas ocorrem e são mediadas, condicionadas por um local concreto: o espaço. Logo, “é através da prática socioespacial que o indivíduo se realiza enquanto tal ao longo da história, num movimento que revela a construção da humanidade e do homem” (CARLOS, 2011, p. 10).

Em face do exposto, é possível dizer que a sociedade se materializa no espaço, pelas relações socioespaciais. Esse espaço, no entanto, não é apenas um palco onde as ações ocorrem, ele é um produto da sociedade. Isso significa afirmar que, no movimento de produção desse espaço, ele se torna condicionante para a reprodução social, sendo, desse modo, “condição meio e produto da ação humana” (CARLOS, 2011, p. 9).

Ainda no que se refere à produção espacial, pode-se citar a existência de distintos agentes responsáveis por tal ação, como o Estado e o Capital. Entretanto, no plano do cotidiano, além das normas hegemônicas, os sujeitos, através da continuidade de suas vidas, se convertem em atores dessa produção. Nesse sentido, “a prática social é espacializada e a ação cumpre-se num espaço e tempo, realizando-se em várias escalas indissociáveis e partir do plano da vida cotidiana” (CARLOS, 2011, p. 19). Assim, o cotidiano ganha importância, pois é do lugar que se habita que o indivíduo se coloca para o mundo.

É do habitar a sua casa, a sua rua, a sua comunidade e quantos mais forem os lugares de origem dos sujeitos, que eles se apropriam do espaço e

constroem suas memórias, identidades, reconhecimentos, produzem a si mesmos e o próprio espaço. Dessa maneira, a juventude deve ser interpretada a partir de suas experiências sociais. Pensar essa juventude no plural, bem como defini-la permeia a consciência de que cada uma é atravessada por um agregado de determinações inerentes aos seus cotidianos, o que denota múltiplas experiências. Assim, os jovens, sujeitos sociais, forjam sua juventude e produzem o espaço a partir de suas vivências, trajetórias, ações, mobilidade, ocorridas no e a partir do local que habitam.

Nesse contexto, o lazer, entendido como um momento de encontro e convívio, é importante elemento na realização da espacialidade desses sujeitos, na constituição de um modo de ser jovem, especialmente no espaço rural, ambiente em que os acontecimentos e relações não ocorrem com mesma velocidade e intensidade se comparados ao espaço citadino. Nos momentos de lazer os jovens saem de seus lares, encontram outros jovens, experimentam, vivem e convivem nos/os espaços.

Identificar como os jovens rurais do distrito constroem suas experiências a partir do lazer é entender a pluralidade da juventude, pois ela não se diferencia apenas espaço-temporalmente de outros grupos, ela carrega especificidades intrínsecas à realidade de uma comunidade rural na qual vivem e convivem distintos sujeitos imersos em seus contextos familiares e questões relacionadas ao acesso à educação, diferenças sociais, gênero, trabalho, tempo livre, práticas esportivas, acesso a equipamentos públicos de lazer, etc. Daí a importância da dimensão espacial na construção da juventude, pois nas diferentes práticas vividas por esses sujeitos eles forjam diferentes modos de vida e constroem suas identidades.

O entendimento da multiplicidade das juventudes é corroborado por Groppo (2000), ao dizer que a juventude é mais que uma faixa de idade, um grupo coeso ou uma classe de fato. O autor define então a juventude como uma

Concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo é uma situação vivida em comum por certos indivíduos (GROPPO, 2000, p. 8).

A juventude é, desse modo, uma categoria social entendida ora como uma situação social, ora como uma representação sociocultural. Para o autor, o entendimento do que vem a ser juventude sempre esteve atrelado à necessidade de usá-la como uma categoria social para classificar indivíduos de acordo com os interesses inerentes às instituições modernas.

Deve-se, portanto, desvencilhar o olhar tanto da juventude apenas como uma fase da vida, definida a partir de faixas de idade, quanto das ciências que procuram olhá-la pela ordem da natureza. A partir daí podemos compreender sua multiplicidade ao longo da história. Isso significa “correlacionar a juventude com outras categorias sociais” (GROPPO, 2004, p. 12).

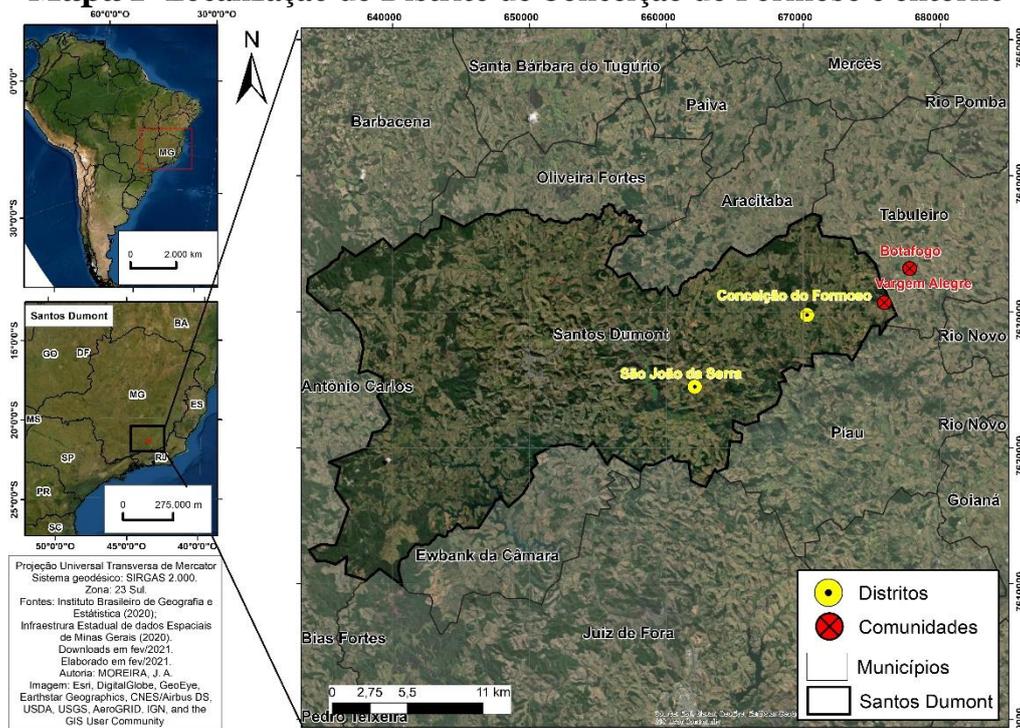
Desse modo, o olhar se volta para os jovens Formosenses, para o modo como se relacionam com seu lugar de residência, como constroem suas experiências juvenis a partir do lazer, compreendido como um importante elemento na vida desses sujeitos. Parte-se do entendimento de que os momentos de distração, encontro, convívio realizados por esses sujeitos na comunidade (que não dispõe de equipamentos públicos direcionados a cultura, esportes e serviços), incidem diretamente na sua relação cotidiana com o local de moradia e a partir dele.

CONCEIÇÃO DO FORMOSO: PENSANDO O ESPAÇO RURAL

O distrito de Conceição do Formoso está localizado na Zona da Mata mineira, a 36 km do município de Santos Dumont (Sede). O acesso à comunidade se dá por estrada não pavimentada, que no período chuvoso permanece, quase sempre, em péssimas condições.

O fornecimento de energia elétrica é feito pela Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG). Porém, os moradores convivem constantemente com a ausência de energia, em especial nos períodos de chuva. Quanto aos meios de comunicação, Formoso conta com uma operadora de telefonia móvel/internet e alguns moradores têm acesso à telefone fixo em suas residências, serviço que, como a energia elétrica, é afetado por quedas no fornecimento. Recentemente duas empresas de internet banda larga tem se instalado no distrito e a adesão vem sendo, aos poucos, concluída. O mapa a seguir permite visualizar a posição geográfica do local.

Mapa 1- Localização do Distrito de Conceição do Formoso e entorno



Fonte: Organizado pela autora.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (2010) a localidade possui 808 habitantes, dos quais 465 vivem na área urbana e 343 na área rural do Distrito. Apesar das informações serem apresentadas a partir de uma separação da área do distrito em urbana, (vila/comunidade – local com arruamentos) e rural (moradias afastadas da vila), faz-se, aqui com base no entendimento da permanência das ruralidades, proposta por Mota e Schmitz (2002), a classificação do distrito como essencialmente rural, pois carrega elementos que permitem defini-lo a partir de suas especificidades como: tranquilidade, tipo de economia, fluxos pouco intensos, modo e ritmo de vida, relações culturais e de vizinhança entre os habitantes, elementos dessemelhantes ao espaço urbano.

Em Formoso, a economia é baseada na produção de leite e hortifruti em pequenas propriedades, boa parte para subsistência. Os moradores mantêm fortes relações de vizinhança e, grande parte possui algum parentesco. O local é marcado pela tranquilidade e ritmo de vida pouco intenso. As características acima citadas podem ser evidenciadas por Pedrosa e Dutra (2018, p. 9) ao discorrem sobre a rotina de um produtor de leite local:

Após realizar a ordenha, o leiteiro circula nas ruas da comunidade em seu veículo de tração animal – uma carroça, puxada por um cavalo –, para vender seu produto. Sem ter horário fixo para passar, sua chegada é sempre um mistério. Por isso, é muito comum os moradores deixarem a vasilha de leite vazia, com o dinheiro referente a quantidade total de leite que consumidor irá querer, na beira do muro, ou pendurada no portão de suas casas, na noite anterior, para que “Seu” Messias deixe ali.

A partir da citação é possível perceber elementos que contribuem para apreender as especificidades que marcam o dia a dia local e que permitem perceber a permanência de ruralidades.

Mota e Schmitz (2002, p. 393) identificam as transformações pelas quais o rural vem passando, mas defendem a pertinência em considerá-lo, também, a partir de uma análise do social, pois tem “particularidades que podem ser constatadas por meio das atividades econômicas, das formas de ocupação do espaço, da paisagem, dos atores, das relações de trabalho e das representações sociais”.

Para Hespanhol (2013), a análise do espaço rural requer um olhar para as diferentes ruralidades que originam de cada ambiente e do modo como esse participa dos processos econômicos e sociais. Para a autora, apesar da compreensão da interpretação do espaço rural estar aliada à sua relação com o espaço urbano, salienta-se a procedência de um olhar para as especificidades, não focando apenas na abordagem dicotômica ou de *continuum* entre espaços, para a interpretação das ruralidades.

Corroborando as propostas, Carneiro (1998), afirma que apesar das constantes mudanças ocorridas no atual período, da existência de uma maior aproximação entre os dois universos e da complexidade da delimitação de suas fronteiras, é importante atentar-se que essa maior aproximação e articulação entre o rural e o urbano engendra necessariamente a homogeneização e a urbanização da sociedade ou mesmo a sua completa diferenciação.

Para os moradores de Conceição do Formoso, eles vivem na “roça”. Seus residentes mantêm fortes e contínuas relações com as pequenas cidades do entorno, já que, frequentemente, buscam serviços como pagamento de contas, compras, atendimento médico, odontológico, educação básica de nível médio, entre outras não disponibilizadas na localidade. Além disso, Santos Dumont é a

única cidade para a qual é ofertado transporte público. Contudo, apesar do entendimento de Formoso como uma localidade rural, seus sujeitos convivem com outros modos de vida, não podendo, dessa maneira, serem interpretados como indivíduos isolados, alheios às transformações pelas quais vêm passando a sociedade e o espaço.

Segundo Menezes (2016), campo e cidade têm passado por constantes mudanças em seus espaços e manifestações materiais, culturais, econômicas e sociais, contribuindo para a formação de espaços dotados de complexidade, não sendo exclusivos a determinadas funções, modos de vida e atividades.

No caso de Formoso, a internet e outras tecnologias são alguns dos elementos que vem chegando com força, alterando hábitos como o costume do uso da rua para conversas. Alguns jovens relataram a ocupação de seus tempos com conversas via aplicativos e internet. Na localidade também já é possível ver armazéns vendendo artigos que antes não estavam disponíveis, como os de utilidade animal e construção civil.

No que toca a oferta de equipamentos públicos, a comunidade conta com um posto de saúde e disponibilidade de atendimento médico 2 a 3 vezes por semana, uma igreja católica e outra evangélica, uma praça, uma escola com oferta de ensino apenas aos anos iniciais (educação infantil e ensino fundamental I e II), um campo de futebol que é mantido por ações dos próprios moradores e jovens da comunidade e não possui iluminação pública, 8 bares (um deles se destaca pela oferta de restaurante e atração de jovens) e 5 pequenos estabelecimentos comerciais voltados para a venda de alimentos, produtos para o trato animal e alguns materiais destinados à construção civil, além de uma linha de ônibus destinada, apenas, ao trajeto a cidade de Santos Dumont, com somente um horário diário.

Para Santos (2007), os fixos por ele classificados como econômicos, sociais, culturais, etc, se materializam na oferta de pontos de serviços, entre outros, hospitais, escolas, quadras e outros lugares de lazer, públicos ou privados, em que os sociais se localizam de acordo com os princípios sociais e os econômicos pela lei da oferta e da procura. Esses fixos, segundo o autor, deveriam atender a uma equidade social e territorial, mas em países como o Brasil não se adota uma política de distribuição geográfica baseada na justiça

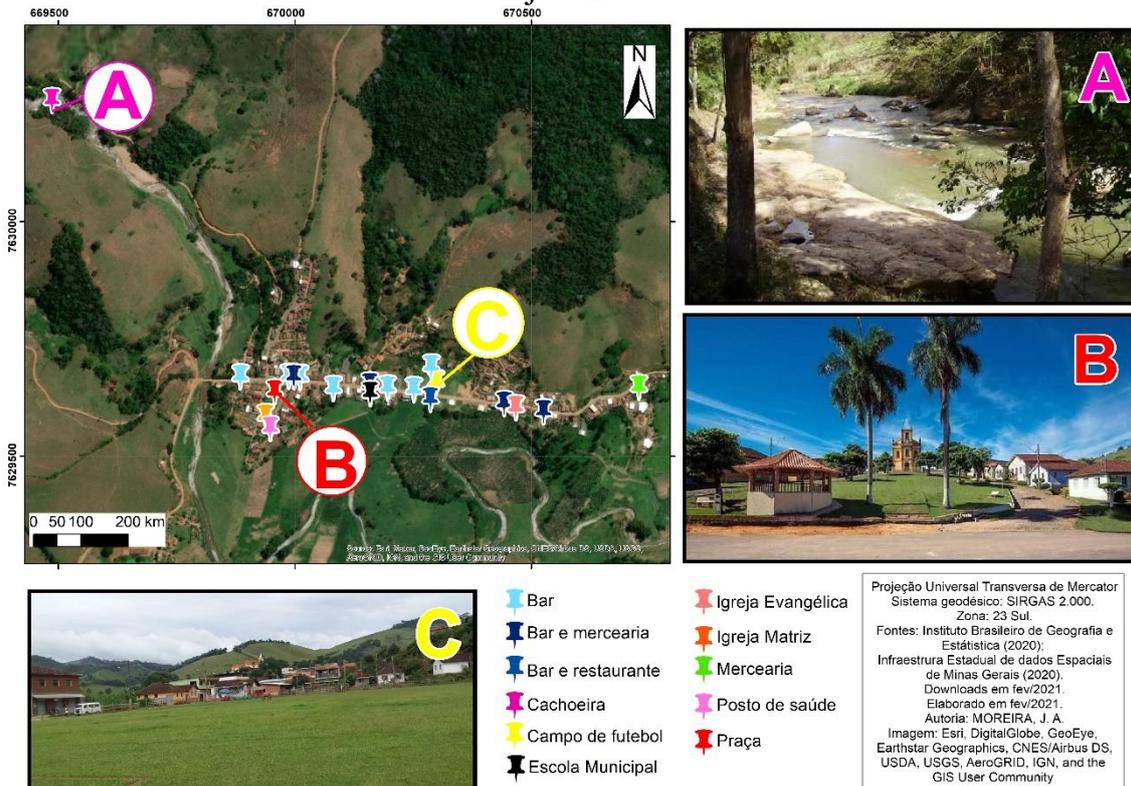
social, comprometendo, dessa forma, o atendimento a uma grande parcela da população, como, por exemplo, os residentes em algumas áreas rurais.

De modo geral, no distrito existem poucas atividades destinadas à juventude e poucos espaços voltados às práticas, tradicionalmente, destinadas ao lazer. Não há regularidade de festas ou bailes, políticas governamentais de incentivo a esportes, emprego ou fácil acesso à continuidade dos estudos – ensino médio e superior. Os jovens que quiserem buscar esses, ou quaisquer outros anseios, são obrigados a migrarem.

COMPREENDENDO A NOÇÃO DE LAZER E A REALIDADE EM FORMOSO

Dois eventos se destacam como os mais apreciados pelos moradores e jovens de Formoso. O Carnaval é um deles. Nessa época a localidade recebe muitos visitantes que buscam tranquilidade e diversão em suas cachoeiras e, também, as cavalgadas organizadas no distrito e nas comunidades e municípios vizinhos. O segundo evento é a tradicional “Festa do ano”. Evento realizado em homenagem à santa padroeira do distrito que conta com shows na praça. Além desses que ocorrem em Formoso, outras festas tradicionais acontecem nos municípios do entorno. Como espaços de maior frequência pelos jovens estão a cachoeira, a praça e o campo, a rua - locais abertos, de encontro, como é possível ver no mapa a seguir.

Mapa 2- Localização dos equipamentos públicos e lugares preferidos pelos jovens



Fonte: Organizado pela autora.

Na experiência do lazer os jovens ocupam seus tempos e constroem seu próprio modo de ser jovem. Assim, conversam, reinventam formas e lugares de diversão, buscam possibilidades de se relacionarem uns com os outros e com jovens de cidades vizinhas, forjando sua experiência juvenil.

Para Marcellino, Barbosa, Mariano, Silva e Fernandes (2007), lazer e recreação se fundem como elementos justapostos. Nas palavras dos autores, “como lazer compreendemos a cultura, compreendida em seu sentido mais amplo, vivenciada no tempo disponível” (MARCELLINO; BARBOSA; MARIANO; SILVA; FERNANDES, 2007, p. 4), tempo esse que se refere a não obrigação com as atividades profissionais, escolares, familiares etc. Dessa maneira, a disponibilidade de tempo reflete a possibilidade do indivíduo em optar por atividades de sua escolha ou pelo ócio.

Entretanto, o autor deixa claro que seu exercício está vinculado a outros elementos, ou seja, não basta apenas o tempo livre, mas também meios para a

efetivação das ações. Assim, de acordo com ele, existem vários fatores inibidores do lazer, como o gênero, a faixa etária, o aspecto econômico e o espaço.

Ainda sobre o lazer, Gomes (2003; 2011), defende que esse deve ser concebido como necessidade humana e valorização cultural, constituído a partir da ludicidade, manifestações culturais e tempo-espaço social, “um campo de práticas sociais”. Assim, integra diferentes culturas e modos de ver. Ainda para Gomes (2014), festas, celebrações, práticas corporais, jogos, músicas, conversas e outras experiências de sociabilidade podem se configurar “lazers”, tendo significados e sentidos ímpares para os sujeitos que vivenciam tais práticas.

Nesse contexto, entendemos os espaços dedicados às práticas voltadas para o lazer dos jovens como pontos de encontro de troca entre os sujeitos. Espaço e lazer adquirem centralidade na construção da condição juvenil, sendo fundamentais para sociabilidade dos jovens, na medida em que proporcionam encontro, diálogo, experiências, desejos, projetos, visões de mundo e estilos, colaborando para a estruturação de novas identidades individuais e coletivas e ampliando a espacialidade dos jovens.

O que se verificou na pesquisa é que embora os jovens formosenses desfrutem de certa liberdade de acesso a todos os lugares disponíveis, não há um leque de ofertas tanto em termos de atividades como em relação aos equipamentos, especialmente aqueles disponibilizados pelo poder público.

A efetividade do lazer para os jovens residentes em Formoso está vinculada a elementos como a disponibilidade de tempo livre, a oferta de atividades e equipamentos voltados para recreação, faixa etária, local de moradia. Mediados por esses e outros fatores, os sujeitos jovens vivenciam e experienciam Formoso e outros lugares e, a partir de então, constroem seus modos de viver a juventude.

COMO SER JOVEM E VIVER EM CONCEIÇÃO DO FORMOSO

No intuito de delinear o perfil dos jovens da pesquisa, foram-lhes direcionadas perguntas em relação à faixa etária, escolaridade, gênero, trabalho nas quais foi possível traçar algumas características.

Do total de participantes, 12 são do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Nesse universo, 12 jovens possuem idades entre 15 a 19 anos, 7 entre 20 a 24 e 5

entre 25 a 28. Sobre a escolaridade, não foram entrevistados jovens que cursavam o ensino fundamental; 8 atualmente cursam o ensino médio e 11 encerraram essa etapa do ensino básico. Em relação ao ensino superior, 4 jovens possuem ensino superior completo. Desse total, todas são mulheres e, 3, tiveram que residir em outras cidades durante o período de curso, retornando posteriormente à comunidade.

Em relação ao trabalho, 12 afirmaram realizar atividades remuneradas. Sendo 3 do sexo feminino e 9 do sexo masculino. Entre as ocupações aparecem: trabalho rural, trabalhos diversos em companhia do pai, manicure, prestação de serviços e comércio local. Alguns desses estão trabalhando temporariamente, pois como ainda estão em idade escolar, relataram que em período letivo comum teriam que ir à escola em uma parte do dia e realizar as tarefas na outra. De acordo com os entrevistados, a pandemia e a paralisação das atividades presenciais proporcionaram maior tempo para se ocuparem do trabalho. Dentre os que relataram essa situação todos estão trabalhando com os pais ou parentes.

No que toca a relação dos jovens residentes com o espaço a partir do lazer, questionou-se sobre sua rotina no distrito, lugares que gostam e não gostam de frequentar em busca de diversão no local, sobre os momentos de encontro com outros jovens, do que sentem falta em Formoso, do que gostam de fazer e se vão a outros lugares buscar diversão além da comunidade.

Sobre a rotina, verificou-se que a maioria das meninas permanece em casa durante o dia e auxiliam nos trabalhos domésticos. No fim da tarde, costumam se reunir com outros jovens na rua ou no campo para conversarem. Já os meninos, quase que em sua totalidade, trabalham com os pais ou nas propriedades locais prestando serviços fixos ou eventuais e, também, costumam se reunir no campo ou na rua no fim das tardes. Porém, não é unanimidade, alguns permanecem em suas casas gozando do descanso ou nas redes sociais.

V, 16 anos: Fico em casa, mexo com moto, ajudo minha mãe e tenho pegado serviço fixo com meu pai por causa da pandemia. Quando estou tendo aula em Santos Dumont saio as 5:20 hs (manhã) volto 13:10 e de tarde mexo com moto também.

W, 15 anos: Minha rotina é dividida em dois períodos: quando tem escola e quando não tem. Acordo cedo, vou pra aula e volto da aula. Se tiver alguma coisinha pra fazer eu faço. Se não tiver, fico em casa atoa. Então e isso: casa, escola, casa, telefone e, fim de semana, eu vou pra rua, porque moro no sítio. Se já tivesse

tendo aula na cidade, estaria acordando mais cedo ainda pra pegar o meio transporte, estudar e chegar em casa, faria dever de escola e depois fazer a mesma coisa. Ficar atoa no telefone e nadar. Agora na pandemia tenho acordado mais tarde, ajudo o pai no curral e tem dias que trabalho na roça.

H, 17 anos. Durante a semana trabalho. Fico dia todo lá no trabalho, só vou ao campo um pouco a tarde.

I, 20 anos: Eu trabalho de 7 às 7, depois fico conversando com a minha namorada até dar a hora de dormir.

É possível observar que para os jovens em idade escolar, a rotina foi alterada devido ao contexto de pandemia, já que não estão frequentando a escola. Entretanto, também é possível ver que para os homens nessa situação a liberação do tempo dedicado à escola foi substituída pelo trabalho, não sendo usado para o lazer, evidenciando, a colocação de Marcellino, Barbosa, Mariano, Silva e Fernandes (2007), ao afirmar que a prática do lazer está atrelada a disponibilidade para o tempo livre.

O lazer para esses jovens é importante, mas para V e W, de 16 e 15 anos, a desobrigação com o tempo escolar se apresentou como uma possibilidade de trabalhar para juntar dinheiro e investir, futuramente, na compra de uma moto. De acordo com eles, a moto facilitará ações cotidianas no local. Já I, de 20 anos, não tem muita escolha, por trabalhar de maneira mais formal, acaba sendo consumido pela responsabilidade com o compromisso assumido.

Os relatos permitiram, ainda, evidenciar que para as mulheres, ao contrário, a redução do tempo escolar significou uma maior disponibilidade para o ócio. Nesses momentos elas têm se dedicado ao uso da internet e, aos finais da tarde, o encontro com outros jovens na praça ou no campo.

Para se divertirem, priorizam as conversas na rua ou no campo, a ida ao Cantinho Mineiro (bar), a praça, a missa, a cachoeira, local preferido pelos jovens, seguido do campo. Na cachoeira, além do encontro, relatam também a possibilidade do contato com a natureza e o alívio em dias de calor, como afirma a entrevistada Y, de 16 anos: “a cachoeira não é aquela cachoeira, é refrescante. Como aqui em Formoso não tem quase nada, é uma forma da gente refrescar essas coisas, de se divertir com amigos e família”.

Na localidade existem poucos equipamentos públicos dedicados ao lazer e, além disso, poucas políticas de valorização e investimento nos espaços ou em

prática de esportes e lazer. Na instituição de ensino³ municipal, por exemplo, não existe um local destinado as atividades desenvolvidas pela disciplina de educação física. Sendo assim, os professores utilizam como espaço o campo, que, em muitas épocas do ano, não se encontra em condições ideais.

Santos (2007) afirma que, no Brasil, o acesso aos equipamentos e serviços públicos ou privados essenciais é contrastante e, em muitas regiões a população é privada desses bens e serviços. De acordo com o autor, diversos casos eles não são acessados pela falta de tempo ou dinheiro ou pela sua não existência, como nos explicitados pelos sujeitos jovens em Formoso.

O encontro com outros jovens se dá nos lugares supracitados (praça, campo, cachoeira), principalmente aos fins de semana, momentos em que estão mais disponíveis para o lazer, em especial, os que trabalham. Como a comunidade se constitui por uma localidade com poucos arruamentos e apenas uma via principal, é usual encontros cotidianos na rua, na praça ou no campo, locais centrais da comunidade, abertos e privilegiados de encontro. Tais afirmativas podem ser evidenciadas nas falas a seguir:

Y, 20 anos: Então, não tem dia certo! Varia por conta de eu morar na roça, mais afastado um pouco. Mas vejo eles sempre que venho à rua e encontro algum conhecido. Encontro mais nos fins de semana mesmo, quando vamos ao bar tomar uma cerveja. Domingo vamos a cachoeira.

V, 16 anos: Fins de semana encontro com eles na praça, bar, no campo, no ônibus da escola. colegas daqui mesmo.

H, 17 anos: Encontro na cachoeira quando a gente marca de ir, no campo e no alto da rua.

Apesar da preferência pelos pontos de encontros citados, verifica-se que eles não são acessados com a mesma frequência. O entrevistado Y, por exemplo, além de trabalhar com o pai, não reside na comunidade e, por isso, não está sempre disponível para os encontros. Essa observação revela que o jovem “é singular, que tem uma história” (DAYREL, 2003, p. 43). A situação de Y, por exemplo, sua particularidade de morar num sítio, afastado da rua, lhe proporcionará a interpretação do mundo a partir do contexto que ocupa assim como uma forma diferenciada de se dedicar ao lazer.

³ Única escola da localidade. Tem se mantido fechada durante o contexto de pandemia e, mesmo no cenário anterior, não costuma estar aberta para atividades recreativas, exceto para consulta de algum material, mediante autorização/aviso.

A ida à escola também é lembrada por alguns dos entrevistados como um momento de encontro. De modo similar a realidade dos jovens em Formoso, Kuhn e Brumes (2012, p. 7), evidenciam, entre outras questões, a escola como um espaço “de ensino-aprendizagem, mas também (...) de encontro e sociabilidade”. Na ida para a escola urbana a autora percebeu como os jovens rurais “constroem suas redes de sociabilidade” (KUHN; BRUMES, 2012, p. 7).

A interpretação das afirmativas em relação a rotina, o que fazem para se divertir e convívio com outros jovens permitiu a observação de que para as jovens com idades inseridas próximas ou na última faixa etária, 25 a 28, o encontro com outros jovens não é algo comum e, a diversão não inclui, necessariamente, frequentar os espaços da comunidade.

K, 25 anos: o Formoso tem várias coisas para fazer, mas não costumo fazer muitas coisas. minha diversão é ficar mais em casa, no quintal.

P, 28 anos: Acordo faço atividade física, cuidado da casa e trabalho. No momento, estou de férias da escola, aí sempre faço uma coisa ou outra na tentativa de preencher o tempo livre dentro de casa. Trabalho na escola, como professora, aí tenho sempre a mesma rotina. Agora estamos num período atípico, mas enviamos as atividades pela internet. Se estivéssemos trabalhando, presencialmente, no período da tarde estaria na escola, mas fico sempre à disposição online, dos alunos. Assisto filme, leio, mas dentro de casa. O pessoal até vai na rua, mas eu não costumo, é um costume meu.

Verifica-se, portanto, que para ambas os espaços utilizados pelos outros jovens (campo, cachoeira e praça) não são vistos como atrativos. Tal fato pode ser interpretado como uma opção ou, como afirmam, um costume. No entanto, outro aspecto relevante para compreender essa diferenciação quanto à representação que essas jovens dão a esses locais é o fato de que a experiência não pode mais ser compartilhada com as amigas que hoje já não vivem mais em Formoso.

Quanto a isso, é importante destacar que, como há poucas oportunidades de trabalho para as mulheres, grande parte das jovens migra quando terminam o ensino médio. Nesse sentido, as que permanecem, acabam perdendo seus círculos de amizade, como afirma L, de 24 anos.

L, 24 anos: Trabalho como manicure, as quintas faço faxina e fins de semana mais dentro de casa mesmo. Não saio muito não. Faço minha caminhada, quando não está chovendo. Gosto

de ficar mais quieta mesmo, ler. Gosto de aprender coisas na internet também. Aqui em Formoso não tem muita diversão mesmo. Se está calor, é cachoeira mesmo. Eu gosto de plantas, então quando estou cuidando acabo me divertindo. Encontrar com outros jovens, só quando eu estou trabalhando mesmo, fazendo unha. Minhas colegas foram todas embora.

Já para os homens de igual faixa etária o mesmo não ocorre, pois relatam saírem e se divertirem nos espaços locais e com jovens de outras faixas etárias, especialmente no futebol. Como relatado por R e J, ambos de 27 anos, ao dizerem que as partidas de futebol são essenciais para a sua distração e relação com outros jovens. Com isso, observa-se uma distinção de gênero que reserva e possibilita aos homens uma maior apropriação da rua e das atividades praticadas no local, como o futebol, atividade costumeira aos fins de tarde no campo.

Quando questionados sobre o que o distrito oferece como lazer, os jovens relataram não haver muitos eventos, destacando alguns como o carnaval, a “Festa do Ano” e as cavalgadas. Percebeu-se que esses eventos são aguardados com relativa ansiedade, por se tratar de momentos que carregam certa tradicionalidade e ocorrerem anualmente. Assim, segundo P, de 28 anos: “a Festa do ano é esperada por todo mundo, o carnaval a mesma coisa (...). Já reparei que qualquer coisinha que tem aqui, vou dar um exemplo da festa junina da escola (...), vejo todo mundo na expectativa de se divertir porque não tem outra coisa”.

Também foram citados os campeonatos de futebol, que possibilitam aos jovens irem a outras cidades e comunidades do entorno para as competições, promovendo uma maior espacialidade e encontro com outros jovens. Porém, afirmam que a ocorrência dos campeonatos tem reduzido a regularidade. Nenhum dos entrevistados relatou evitar ir a qualquer lugar da comunidade ou entorno, explicitando a liberdade desses em relação aos espaços locais.

Sobre a ida a outras cidades/comunidades, as afirmativas se dividem. Nesse sentido, parte dos entrevistados anunciou não sair da comunidade para se divertirem, relatando a ocorrência de seu deslocamento apenas para a resolução de problemas/questões como compras, médico etc. Outros, disseram sair com certa frequência aos fins de semana, especialmente os homens e aqueles(elas)

que possuem meios de transporte disponíveis como moto, cavalo ou carro. Como destino estão as cidades e comunidades do entorno, nas quais procuram como atrativo algum bar ou as festas tradicionais ofertadas por esses lugares em determinadas épocas do ano.

Diante do exposto, observa-se que a mobilidade dos sujeitos está condicionada à posse do transporte, pois o transporte público é precário, o que dificulta o acesso regiões do entorno. Sobre isso, o entrevistado L, de 22 anos, explica: “só saio quando tem festa em outra cidade. Antes eu não tinha moto, aí não saía. Agora que comprei a moto veio a pandemia, aí não tenho saído, por enquanto”. Verifica-se, dessa maneira, que a espacialidade dos jovens se apresenta atrelada ao transporte, nesse sentido, é notória a necessidade de que se viabilize o trajeto desses sujeitos a vizinhança.

Ao serem questionados sobre como é ser jovem e morar em Formoso, para todos essa realidade é manifestada como positiva. Muitos destacam imersão na natureza e a tranquilidade, as relações de vizinhança e de comunidade como um privilégio, revelando relações de identidade dos sujeitos com o local de residência. Porém, destacam o descontentamento com a falta de oportunidades, especialmente em relação à qualificação, qualidade das condições relacionadas à oferta de educação, mobilidade e trabalho. Evidencia-se que, para eles, o desejo de permanecer em Formoso é algo latente, mas, ao mesmo tempo, revelam que tal desejo se torna impraticável quando o conjugam a outros, como a continuidade dos estudos ou o ingresso no mundo do trabalho. Nesse contexto, relatam sentirem falta de equipamentos públicos destinados ao lazer como quadra coberta, qualificação e emprego. Afirmam:

L, 24 anos: Poderia ter uma quadra, o que eu quero para cá são coisas melhores. Uma rua melhor, estrada melhor, emprego. Um lugar melhor, acaba criando coisas melhores para nós jovens. Eu gosto de praticar esportes, poderia continuar, jogava vôlei, mas aqui não tem quadra e nem pessoas que jogam também, tanto da minha idade como mais jovens.

Y, 20 anos: Não tenho lugar que não frequento. No quesito diversão é uma quadra pra gente jogar bola, que não tem. No campo quando chove, empossa água. Faz falta uma quadra coberta e que tenha luz, porque o campo também não tem.

V, 16 anos: Sinto falta de oportunidades, estudo. Se for trabalhar tem que sair cedo, ganha pouco não tem um serviço bom, tem muito pouco.

De acordo com Souza (2017), no Brasil existem poucas e frágeis políticas públicas pensadas para melhorarem vida dos jovens nas áreas rurais. Faltam condições para geração de renda, lazer, formação, todas indispensáveis para a juventude se estabelecer no campo com qualidade.

Autores como Castro (2005; 2009), Carneiro (1998) e Brumer (2007), acrescentam que esse grupo social tem tido pouca atenção por parte das pesquisas acadêmicas e do sistema político, um dos fatores que, segundo eles, resulta na exclusão de direitos e da agenda governamental responsável pela elaboração de políticas voltadas para os jovens brasileiros.

Apesar de retratarem as dificuldades e anseios sobre serem jovens e residirem em Formoso, manifestam, por outro lado, a sua identificação com o local de residência e seus elementos. Para eles:

I, 16 anos: É roça, não tem quase nada. Mas pensando bem, tem natureza. (...) o bom daqui, de ser jovem e morar aqui é que a gente pode ter isso, ser mais livre! Em Santos Dumont, Juiz de Fora, São Paulo, a gente fica preso dentro de casa. Formoso, pode andar pra qualquer lado que não tem perigo.

L, 22 anos: Pra mim é bom né, não tem muita preocupação. Lá na cidade é mais corrido (...), aqui é muito bom porque é seguro.

H, 17 anos: Formoso é um lugarzinho bom, não tem muita muvuca. Igual nessa pandemia agora né, tranquilo. Pode chegar e ficar em qualquer lugar que não tem perigo de nada, diferente da cidade. Aqui é bom, eu gosto. Mesmo sendo jovem e não tendo nada pra fazer.

O tempo lento e monótono de um lugar que “não tem quase nada” aparece a esses jovens em um duplo sentido. De um lado, ele expressa o desejo de terem mais oportunidades de trabalho e formação, de espaços de lazer e diversão. E de outro, adquire um sentido positivo quando comparam Formoso à realidade de outras localidades, especialmente as urbanas. Neste momento, a calma de Formoso se contrapõe, positivamente, ao tempo veloz e fluído da cidade. Em relação a isso, Carneiro (1998) afirma que os jovens rurais vêm convivendo de maneira mais intensa com a dinâmica de diluição das fronteiras entre campo e cidade. Morando em áreas rurais e transitando por áreas urbanas, vivenciam distintas práticas sociais e culturais que influem em seu processo de formação identitária, já que experimentam e contrapõem os laços

da sua cultura de origem, especialmente a família e o dinamismo vivenciado no universo urbano.

De acordo com a autora, ao vivenciarem o urbano, muitos jovens acabam valorizando elementos do espaço rural como as relações familiares e de vizinhança, a tranquilidade, a ausência de violência e, conseqüentemente, do medo de conviver com ela, entre outras.

Essa valorização foi evidenciada durante a pesquisa, pois muitos valorizaram a característica tranquila de Formoso a oferta de coisas para fazer em meio a natureza e, ainda, a liberdade encontrada na rua, nos espaços disponíveis. Nesse sentido, é importante destacar que apesar da negatividade presente na afirmação sobre o “nada para fazer” essa está atrelada a pouca oferta de atividades destinadas aos jovens e não em relação ao local de moradia em si.

Ao final, foi-lhes questionado sobre as expectativas em relação ao ensino médio. O motivo da pergunta se deve ao fato de a escola do distrito ofertar apenas o ensino fundamental, sendo necessária a ida para Santos Dumont para a conclusão do ensino médio. Assim, como relatado pelos jovens, ao encerrarem o 9º ano do ensino fundamental, optam pelas escolas estaduais presentes no município Sede. Matriculados, esses meninos partem todos os dias às 5h da manhã para chegarem ao seu destino às 7h e só retornam aos seus lares às 13h. O trajeto é relatado como penoso em função das péssimas condições das estradas. Também por conta disso, em períodos chuvosos, os jovens costumam ficar dias sem aula pela falta de acesso.

Para eles, o momento anterior ao início das aulas é marcado por expectativas positivas em relação a possibilidade de novas amizades e, também, medo pela possível não aceitação ou diferença de nível de ensino e por ter que lidarem com salas cheias, já que na escola local, há poucos alunos por sala e uma maior atenção e disposição do professor em sanar dúvidas.

Nas palavras de V de 16 anos, a ida para o ensino médio lhe provocou um “sentimento de que seria tudo novo, minha sala aqui tinha 4 alunos, lá é 44. Então é 10 vezes mais. Lá é muita gente, aqui era mais tranquilo, pouca falação a professora aqui falava fica quieto e todo mundo em silêncio. Lá não, é bagunça, falação”.

Para A e R, de 16 e 27 anos respectivamente, a sua condição de jovens rurais provocou o anseio de discriminação pelos novos colegas já que, de acordo com eles, seriam “da roça/roceiro”. Assim afirma A: “eu achei que eu não seria bem aceito por que eu sou da roça, fiquei meio tímido para fazer amizades”. Corroborando a questão apresentada, R afirma “medo, porque pelo fato de eu ser muito caipira (...), meu estilo muito roceiro mesmo, sou até hoje e tenho muito orgulho disso, tinha medo de virar chacota, mas pelo contrário, fiz amizade com todo mundo”.

Para Carneiro (1998), a sociedade urbano-industrial e as transformações engendradas no campo a partir de tal, não necessariamente implicam na completa descaracterização e desejos de viver no campo das culturas locais ou tradicionais. Para a autora, as relações de alteridade tecidas com o urbano, definido por ela como o que é “de fora”, podem “consolidar a identidade local com base no sentimento de pertencimento a uma dada localidade” (CARNEIRO, 1998, p. 5).

Ainda em relação à ida para Santos Dumont durante o curso do ensino médio, os jovens relataram muitas dificuldades na realização do ensino médio, dentre as quais apontam horas fora de casa, a fome, já que nem todos têm condições de levar merenda todos os dias e cansaço. Para H de 17 anos que já concluiu o ensino médio,

Antes de ir a expectativa era boa, (...), mas era cansativo, acordava 4:40 h da manhã todos os dias. O ônibus saía 5:20, chegava lá 7:00 em ponto. Eu ia dormindo, mas cansava. Cansa demais, muito. As vezes a aula acabava cedo, tinha que esperar o ônibus voltar só 11:20 com fome. Não tinha merenda pra todo mundo, penoso.

O relato apresentado permite, mais uma vez, evidenciar o descaso das políticas públicas voltadas para os jovens residentes em áreas rurais ligadas à educação e às dificuldades enfrentadas por esses sujeitos durante a conclusão do ensino médio.

No entanto, os jovens acabam por tornar a viagem até a escola em um momento de encontro e distração. Mesmo cansativo, o trajeto vira momento de diversão, de conversa de trocas e de fuga da rotina em Formoso. Sinalizando que

os jovens acabam criando estratégias para contornarem as dificuldades enfrentadas para a conclusão de sua escolarização.

O que a pesquisa mostrou é que a mobilidade diária desses meninos e meninas, entre campo e cidade, as suas vivências cotidianas na comunidade e as práticas proporcionadas pelo lazer, possibilitam a ampliação de seus círculos de amizade, relações sociais e contato com outros modos de vida. Nesse contato, esses jovens adquirem novos valores e passam a elaborar seus projetos individuais e futuros com base nessas experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação permitiu identificar alguns elementos e interpretações acerca da juventude rural residente em Conceição do Formoso. Dentre essas, está a evidência de que os jovens Formosenses vivenciam a juventude de modos específicos, a depender dos contextos familiares, gênero, faixa etária, meio de transporte e local de residência. Em relação a isso, para a Cassab et al (2016, p. 104), “não existe apenas um tipo de juventude, mas juventudes, que assumem diferentes expressões de acordo com as condições culturais e materiais que as rodeiam”. Nessa condição, segundo ela, cada juventude deve ser interpretada a partir de suas experiências coletivas e individuais.

De modo geral, verificou-se que os espaços públicos utilizados e citados pela maioria dos jovens entrevistados são mais frequentados pela primeira faixa etária. Os demais, por se ocuparem do trabalho em boa parte do tempo, acabam reduzindo sua circulação aos fins de semana e alguns fins de tarde, quando não estão vencidos pelo cansaço do dia. O mesmo ocorre com algumas das mulheres que trabalham. No caso delas, somado ao fator cansaço, também convivem com a ausência de companhia para usufruírem os momentos de lazer.

Como elemento comum a esses sujeitos está o espaço a eles ofertado, dotado de frágeis políticas de valorização da cultura, lazer e mobilidade. A escola se apresentou como um importante veículo que possibilita a espacialidade, o encontro, o convívio e, no caso da ida à cidade para o curso do ensino médio, significa ainda, o contato diário com o espaço citadino e a relação com outros jovens e modos de vida.

Nessa relação, os sujeitos da pesquisa reforçam suas identidades, estabelecem distinções, fazem escolhas, traçam projetos. Para Dayrell (2003, p. 43), “o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere”. Pela experiência do lazer, assim como na ida para a escola, o encontro também ocorre. Esses jovens se encontram cotidianamente em Formoso e em outros lugares, como no caso dos que vão às cidades do entorno.

Nesse contexto, na prática do lazer esses jovens ocupam seus tempos livres e vivem a experiência da juventude, que é marcada pelas especificidades de cada um desses sujeitos e pelas vivências nos principais espaços acessados pela maioria: campo, praça e cachoeira locais abertos, pontos de encontro e convívio que condicionam e possibilitam o acesso à ludicidade e convívio desses jovens na localidade.

Assim, apesar das questões e dificuldades inerentes aos contextos em que se inserem, se reconhece a importância do lazer, dos espaços de encontro, dos encontros, mesmo aqueles que ocorrem no penoso trajeto para a escola, como elementos que possibilitam a construção de suas memórias, afinidades, de seus modos de ser jovens, especialmente por viverem em um local marcado pela monotonia e a pouca oferta de políticas voltadas para a juventude.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. Apresentação. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Instituto Cidadania, Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 9-22.
- BRUMER, A. A problemática dos jovens na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 35-51.
- CARLOS, A. F. A. **A condição espacial**. São Paulo. Contexto, 2011. 160p.
- CARNEIRO, M. J. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F. C. T., SANTOS, R., COSTA, L. F. C. (Org) **Mundo rural e política: Ensaio interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Mauad X, 1998. p.
- CASSAB, C; TOLEDO, J. A. C; FERREIRA, K.O; RESENDE, R. P. Representação na mídia da juventude e a produção do medo: experiência em uma cidade média brasileira. Lisboa. Finisterra, v.51, n.102, 2016.

CASTRO, E. G. **Entre ficar e sair**: uma etnografia da construção social da categoria juventude rural. 2005. 427f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CASTRO, E. G. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Manizales (Colômbia), v. 7, n. 1, p. 179-208, 2009.

CASTRO, E. G. **Entre ficar e sair**: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013. 432p.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1994. 204p.

GOMES, C. L. **Significados de recreação e lazer no Brasil**: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964). 2003. 322f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

GOMES, C. L. Estudos do Lazer e geopolítica do conhecimento. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.3, p.1-25, set./2011.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da Cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.

GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. 301p.

GROPPO, L. A. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**, Rio de Janeiro, ano 13, n, 25, p. 9-22, dez. 2004.

HESPANHOL, R. A. M. Campo e cidade, rural e urbano no Brasil contemporâneo. **Mercator**, Fortaleza, v. 12, número especial, p. 103-112, set. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sidra**. 2010. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/territorio#/N10/316070210>. Acesso em: 5 fev. 2021

KUHN, C. **Juventude rural de Laranjeiras do Sul**: espaços de lazer, sociabilidade e territorialização. 2014. 281f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava/PR, 2014.

KUHN, C.; BRUMES, K. R. Juventude rural: diferenças de gênero na escola, no trabalho e na construção de projetos futuros. In: Encontro Nacional de Estudos

Populacionais, XVIII. Águas de Lindóia/SP. **Anais...** Águas de Lindóia/SP: ABEP, 2012. p. 1-15.

MARCELLINO, N. C.; BARBOSA, F. S.; MARIANO, S. H.; SILVA, A.; FERNANDES, E. A. O. **Espaços e equipamentos de lazer em região metropolitana**: o caso da RMC – Região Metropolitana de Campinas. Curitiba: Opus, 2007. 120p.

MENEZES, P. K. O jovem do campo: uma faceta da(s) juventude(s) contemporâneas no estado de Goiás. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 170-200, 2016.

MOTA, D. M.; SCHMITZ, H. Pertinência da categoria rural para análise social. **Revista de Ciências Agrotécnicas**, Lavras/MG, v. 26, n. 2, p. 392-399, 2002.

PEDROSA, D. M. A.; DUTRA, R. C. A. A importância do leite na alimentação rural da Zona da Mata mineira. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 31^a. Brasília/DF. **Anais...** Brasília/DF: ABA, 2018. p. 1-17.

SANTOS, M. **O Espaço do cidadão**. São Paulo: Editora da USP, 2007. 176p.

SILVA, J. M.; MENDES, E. P. P. Abordagem qualitativa e geografia: pesquisa documental, entrevista e observação. In: MARAFON, G. J. et al. (org.). **Pesquisa qualitativa em Geografia**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013. p. 207-222.

SOUZA, S. B; DOULA, S. M; CARMO, P. M. Jovens rurais da Zona da Mata mineira e projetos de vida profissional. **Redes – Revista do Desenvolvimento Regional**, Santa Cruz do Sul/RS, v. 21, n. 1, p. 233-249, 2016.

SOUZA, V. A. **Agroecologia, juventude e permanência no campo**: uma relação possível?. 2017. 110f. Dissertação (Mestrado Profissional em Agroecossistemas) - Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SPOSITO, M. **O Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviços sociais (1999-2006). Belo Horizonte: Editora Argvmentvm, 2016.

Recebido em 15 de Julho de 2021
Aceito em 23 de Agosto de 2021